

O VERBO CHEGAR E SEUS AUXILIARES: UMA VISÃO DIACRÔNICA

Carmen Maria Faggion (UCS)
cmfaggio@ucs.br

1. Introdução

Situado numa investigação mais ampla sobre a história do verbo chegar, incluindo seus usos e lugares sintáticos, este trabalho intenta verificar os auxiliares que este verbo admite, e uma sua possível mudança.

As línguas que usam pretérito perfeito composto (*arriver/arrivare*) têm auxiliar (*être/essere/ser*). Em português, em que se usa pretérito perfeito simples, nota-se no mais-que-perfeito composto o uso de *ter* (tinha ido, tinha chegado). Desde quando isso ocorre? Foi uma mudança no português? Mais que apresentar uma resposta, este trabalho pretende situar e contextualizar a pergunta, mostrando alguns usos no decorrer do tempo e analisando empregos correntes.

Este trabalho constitui uma etapa de um estudo mais amplo sobre a história do verbo *chegar*⁷³. Tem-se por objetivo, especificamente, repassar a história dos auxiliares perfectivos do verbo *chegar*, em português, para formular sua caracterização em relação a duas outras línguas românicas, italiano e francês. Pretende-se investigar a história do diferente auxiliar no português, para em seguida apontar outros caminhos de análise.

Entendo por auxiliares perfectivos aqueles que atuam na formação dos tempos compostos do pretérito perfeito e do pretérito mais-que-perfeito. Em português, esse papel de auxiliar é preenchido pelos verbos *ter* ou *haver*. Em francês e em italiano, os verbos *avoir* e *avere*, respectivamente, são auxiliares da maioria dos verbos. Com *arriver* e *arrivare*, contudo, além de outros verbos, o auxiliar é *être* no francês e *essere* no italiano, ou seja, os correspondentes ao nosso verbo *ser*. Veremos a resposta histórica para essa diferença.

Justifica-se o estudo porque, no objetivo mais amplo que é o de contar a história do verbo, seus auxiliares terão papel importante. Por ou-

⁷³ Veja-se, a esse respeito, Faggion (2012a, 2012 b).

tro lado, todo o conhecimento que for possível reunir sobre o verbo contribuirá para que se conheça um pouco mais da história da língua portuguesa – conhecendo um pouco mais sobre um de seus verbos.

Como base teórica, recorremos a estudos de Renzi e Andreosi (2009) e Lausberg (1974), sobre a parte histórica, e Henriques (2007) e Othero (2009) para a parte sintática. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica e levantamento de exemplos.

2. *O verbo chegar*

O verbo *chegar* formou-se a partir do verbo latino *plĭcare* (“dobrar”). Os marinheiros dobravam as velas ao atingir o porto. Portanto, o ato de dobrar indicava que o destino havia sido atingido. Depois, por metonímia, o verbo passou a indicar o próprio ato de atingir o destino. Assumo que os novos significados de chegar desenvolveram-se, inicialmente, do lugar concreto para o lugar abstrato (*e.g.* chegar ao porto, concreto > chegar ao delírio, abstrato). Chegar admite muitos adjuntos, e o mais antigo, o locativo, pode ser considerado complemento (*e.g.* cheguei a/em Porto Alegre; aqui; na escola), visto que a frase não se constrói sem ele, no sentido de que é essencial à compreensão discursiva da frase. Mesmo estando implícito, o locativo complementa o verbo. Os outros adjuntos são opcionais, no sentido de que aparecem em algumas frases e não em outras. Por exemplo, *Cheguei aqui* (cedo/tarde; rapidamente; apesar do trânsito; etc.). Quando se verifica a ausência desse adjunto, o locativo, Menezes (2005, p. 52) assinala que sua supressão indica que o ponto de chegada, ou de saída, será o lugar em que está o falante. Na ausência, a referência é o falante.

Chegar, além disso, desenvolveu sentidos metonímicos e também metafóricos. Novos sentidos permitiram ou exigiram novas construções sintáticas.

Em análises semântico-sintáticas, vários estudiosos sistematizaram a rede de significações que o verbo *chegar* assume.

Mateus et al. (2003, p. 196) configuram o verbo como de ação dinâmica, pressupondo mudança de estado, compatível com imperativo e podendo responder à pergunta “o que aconteceu?”. Fortunato (2009, p. 49) assinala seis áreas relacionais de significação desenvolvidas por esse verbo: lugar abstrato, tempo, cognição, emotividade, relações e padrões sociais. Nida (1975) coloca *chegar* (na verdade, o verbo inglês *arrive*)

como um verbo de movimento intermediário: nem o sentido geral (*move*), nem os sentidos específicos (*walk, run, skip, jump etc.*).

Em seu completo estudo sobre verbos de trajetória, Menezes (2005) assinala que *chegar*, por ela definido como verbo da Classe 3, admite a representação sintática de parte da trajetória; apresenta locativo afetado; e é verbo do tipo *achievement*, ou seja, verbo de um momento único (MENEZES, 2005, p. 52). Em seu trabalho sobre *chegar* como verbo suporte, Fortunato (2009) faz ver que seu caráter de verbo autônomo persiste sempre, visto que as construções com verbo suporte *chegar* não são substituíveis por uma denominação.

O verbo *chegar*, além disso, faz parte do grupo que a gramática tradicional chama de intransitivos, isto é, os que não precisam de complemento (v. HENRIQUES, 2007, p. 23). Contudo, são frequentemente acompanhados por adjuntos adverbiais, cuja mobilidade sintática (podem situar-se à direita ou à esquerda do verbo) é mencionada por Othero (2009, p. 114).

Chegar, então, com base no que vimos acima, é um verbo em que alguém ou algo atinge um determinado ponto; se não houver especificação, esse será o lugar em que está o falante. Mateus et al. (2003, p. 196-197) o definem como um verbo de culminação, já que é dinâmico, pressupõe mudança de estado, é compatível com imperativo e pode responder à pergunta *o que aconteceu?* Quando o sujeito de *chegar* for animado, pode ser que se trate de uma ação ativa e voluntária. Contudo, não se pode esperar que seja efetiva: pode haver algo que impeça sua concretização.

O verbo *chegar* tem, portanto, a característica de denotar uma última etapa de um percurso, o fato de que foi atingido um determinado ponto. *Partir*, seu oposto, indica uma primeira etapa de um percurso, o rompimento de um estado situacional.

Outra importante característica do verbo, dentro dos intransitivos, é seu caráter inacusativo. Para explicá-la, cabe retomar a noção da diferença entre verbos inacusativos e inergativos.

O conjunto dos verbos intransitivos abriga dois grupos de verbos de características distintas, com diferenças sintáticas notáveis. Coelho (2002), entre outros, realizou estudos sobre a posição do sujeito em relação aos dois tipos de verbos.

Os verbos inergativos, como *chorar, rir, saltar, caminhar, correr*, denotam atividades ou processos que dependem de agente. Chama nossa atenção o fato de que, em francês e italiano, os verbos de movimento (os de sentido específico, segundo Nida, 1975) constroem seu pretérito com o auxiliar equivalente a *ter* (*avoir, avere*): *j'ai marché, ho caminato*.

Os verbos inacusativos, que denotam estados ou eventos que não dependem de um agente, tais como *existir, aparecer, chegar, crescer, parecer* e outros, comportam um argumento que 'recebe' a ação, isto é, um paciente ou tema, ou, como bem define Cançado (2012), um Experienciador. Os verbos de movimento desse grupo (os de significado intermediário, como diz Nida, 1975) formam seu passado, em francês e italiano, com o auxiliar equivalente ao verbo *ser* (*être, essere*): *je suis arrivé(e), sono arrivato (a)*.

Nascimento (2002) realiza profunda análise sobre os inacusativos, separando-os em classes e tipos, e chegando a interessantes conclusões sobre eles.

Para este trabalho, interessa lembrar que *chegar* é um verbo intransitivo do tipo inacusativo, isto é, tem como sujeito um experienciador, e não um agente.

3. *Os verbos auxiliares: sua origem*

Como sabemos, a língua latina exprimia a ideia de anterioridade através de tempos simples (e.g. *legit*, 'ele leu', *legerat*, 'ele lera', *legebat*, 'ele lia'). Nas línguas românicas aqui consideradas (português, francês, italiano), um dos pretéritos, o imperfeito, continua sendo um tempo simples.

O pretérito perfeito, por sua vez, só tem uso cotidiano e corrente na forma simples em português. As outras duas línguas usam tempos compostos, sendo nelas raro o uso do pretérito perfeito simples, que fica restrito praticamente à língua escrita (e erudita, ou literária em alguns casos). Normalmente em francês se diz *Il a lu*, e em italiano *ha letto*, enquanto em português se diz *ele leu*. O português, por outro lado, usa cada vez mais a forma composta de outro tempo, o mais-que-perfeito composto (*ele tinha lido, ele havia lido*). Raramente é empregada, fora da língua escrita, a forma simples (*lera*). Nisso, acompanha as outras duas línguas.

Singular, por conseguinte, em relação às duas outras línguas, é a posição do português quanto ao uso do pretérito perfeito, por ser corrente o emprego do tempo simples.

Renzi e Andreose (2009, p. 148-149) expõem, com base em Salvi (1982), a origem dos auxiliares românicos. O problema, esclarecem, é a evolução do verbo latino *habeo*, que, do valor de ‘possuir, ter’, passou ao valor de auxiliar.

Segundo os autores, o antecedente latino do qual deriva a perífrase românica deve ser buscado em construções do latim clássico já atestadas, como, por exemplo, *habeo epistulam scriptam*. Renzi e Andreose explicam que o significado da frase é ‘tenho uma carta (já) escrita’, e nela o verbo *habeo* indica posse; não é ainda o auxiliar românico. Não há ideia de passado. E o particípio *scriptam* se comporta sintaticamente como um adjetivo (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 149). Os autores assinalam ainda que não há nenhuma relação direta entre *habeo* e *scriptam*, dado que o sujeito do primeiro pode ser diferente do sujeito (semântico) do segundo; a pessoa que possui a carta pode ser diferente da que a escreveu: e.g. ital. *ho una lettera scritta dal direttore*⁷⁴ (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 150).

Bem diferente, atestam os dois autores, é o significado da forma *Ho scritto una lettera* [‘escrevi uma carta’], e também, acrescento eu, da forma *J’ai écrit une lettre*. Renzi e Andreose resumem as diferenças existentes na estrutura sintática. Inicialmente, existe uma relação entre *avere* e o particípio; o verbo *ter* rege particípio, assim como *estar* rege gerúndio e *ir* rege infinitivo. Em seguida, verificam que o sujeito dos dois verbos é o mesmo. Para terminar, observam que o particípio rege o objeto (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 150)

Continuando a análise dos dois autores, a mudança começou no nível semântico. Isso se deveu a um esvaziamento semântico de *habeo*, que passou de um significado de posse a um significado de relação genérica, como em (e.g., passando para o português) *Pedro tem fome* ou *Pedro tem trinta anos*. O esvaziamento semântico é tal que o verbo acaba por se tornar correspondente de *sum*, o verbo que por excelência indica relação (v. RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 150). Os dois autores citam as frases seguintes como exemplo, pois elas transmitem a mesma informação, mas têm diferentes construções sintáticas: *Domus est Petro* (‘a casa

⁷⁴ Em tradução livre, ‘tenho (posso) uma carta escrita pelo diretor’.

é de Pedro’) e *Petrus habet domum* (‘Pedro tem [a/uma] casa’). A mudança semântica acabou causando mudança sintática: não é *lettera* que rege o particípio, e sim o particípio que rege o objeto – não há mais, pois, concordância (RENZI; ANDREOSE, 2009, p. 151).

E temos a construção românica, com o significado de pretérito perfeito.

4. O caso especial do auxiliar em português

O português tem, a respeito do emprego do pretérito perfeito simples, extraordinária semelhança com o latim. O pretérito perfeito simples é o de uso corrente (o composto tem uso peculiar, indicando uma ação intermitente), bem como o era em latim.

No pretérito mais-que-perfeito, contudo, emprega-se a forma composta. E o auxiliar é *ter* ou *haver*. Os exemplos seguintes são do século XVIII, mais especificamente de 1794, dos *Autos da Devassa* (na edição de Lucas et al., 2002):

- (1) *Havendo chegado* a minha notícia (LUCAS et al., 2002, p. 71)
- (2) [...] que o dito Antônio Lopes, pela mesma causa, *havia chegado* aos narizes do referido João da Silva (LUCAS et al., 2002, p. 93)
- (3) [...] se tinha visto o livro intitulado *Revolução e estado atual da França* que *havia chegado* de Lisboa (LUCAS et al., 2002, p. 147).

Passando para a atualidade, verifica-se, no uso cotidiano, o emprego do verbo *ter* como auxiliar de todos os verbos de movimento. Os exemplos abaixo, sobre *chegar*, foram obtidos de oitiva, e em todos os casos os falantes eram estudantes de Bento Gonçalves, RS:

- (4) [...] o professor nem *tinha chegado*.
- (5) A gente *tinha chegado* cedo.
- (6) E aí ele não foi lá, porque ele já tinha ido outra vez e [...] outra turma *tinha chegado*.
- (7) E tu nunca *tinhas chegado* atrasado.

Analisando-se os exemplos do século XVIII e os de hoje, observa-se que os auxiliares perfectivos de chegar são sempre *ter* ou *haver*. E a busca de exemplos nem precisa continuar; nossa vivência cotidiana na língua vai encontrar demonstrações suficientes desse emprego.

É diferente, conforme já assinalamos acima, o emprego do auxiliar em francês e italiano, em relação ao português.

O auxiliar específico de *chegar* e de outros verbos de movimento, em português, já havia sido assinalado por Lausberg (1974).

Para esse autor (LAUSBERG, 1974), o que define o auxiliar dos verbos é, num primeiro momento, a transitividade verbal. Portanto, *habere*, que tem necessidade de um objeto, não serve para a construção do pretérito perfeito de verbos intransitivos; estes, por analogia, tomaram o auxiliar que designa um estado, *esse* [‘ser’], e.g. *natus sum* > it. *sono nato*, *sono nata*, fr. *je suis né*, *jê suis née* (cf. LAUSBERG, 1974, p. 412)⁷⁵. Diz o autor:

Mas por outro lado havia em românico a possibilidade de fazer com que *habere*, empregado para verbos transitivos sem complemento direto, passasse a ser empregado com verbos intransitivos. Concorrem, portanto, para a construção do perfeito dos verbos intransitivos ambos os verbos auxiliares *habere* e *esse*. Esta luta de concorrência tem diversos resultados nas diversas línguas. (LAUSBERG, 1974, p. 412)

Parece instaurar-se aí a importante diferença estabelecida por Burzio (1986) em relação aos verbos inacusativos, que requerem, em italiano, auxiliar *esse*, enquanto os inergativos, ao lado de outras marcantes diferenças, tomam *habere* como auxiliar. A obra de Burzio, embora com outros objetivos e outra linha teórica, esclarece o que Lausberg chama de luta de concorrência.

Voltando a Lausberg, estão claramente especificados os diferentes resultados: “Em romeno, catalão, espanhol e português vence o verbo *habere*, que entra, portanto, na construção de *todos os verbos intransitivos*, sendo em português, por sua vez, o verbo *habere* substituído pelo verbo *tenere*”. (LAUSBERG, 1974, p. 412)

O autor apresenta ainda o que ocorre nas outras línguas. Em italiano, sardo, francês e provençal (e outras que o autor cita), os verbos intransitivos dividem-se em áreas de *esse* e de *habere*. Contudo, “a distribuição lexical de ambas as áreas não é una nas diferentes línguas” (LAUSBERG, 1974, p. 412), sendo o uso de *esse* comum a todas como

⁷⁵ Os exemplos são de Lausberg, mas as formas femininas foram agora acrescentadas, com o objetivo de mostrar que a concordância persiste nessas línguas (no caso do francês, só na escrita).

auxiliar nos verbos de ação pontual⁷⁶, e.g. it. *sono venuto*, sardo *bénnidu so*, fr. *je suis venu*, provençal *soi vengutz*. Já nos verbos que não são pontuais a escolha não é igual em todas as línguas (cf. LAUSBERG, 1974, p. 412).

Verifica-se, por conseguinte, o caráter especial do português na utilização de auxiliares com o verbo *chegar*. Emprega-se *ter* ou *haver*, e isso é uma característica da língua.

5. Considerações finais

Retomado e reapresentado o caráter histórico do emprego do auxiliar *ter* (ou *haver*) com o verbo *chegar* e outros verbos de movimento em português, tudo pareceria pronto e já estudado. Entretanto, a questão ainda permite muitas outras análises.

Primeiro, é preciso reinvestigar os verbos de movimento segundo Nida (1975) e verificar as características específicas de *chegar* em relação aos outros verbos de movimento que, com ele, compartilham o estatuto de significados intermediários (*partir, ir, vir, entrar, sair, subir, descer*).

Segundo, é preciso aprofundar, com esses mesmos verbos, o estudo da ergatividade, comparando-os com os verbos correspondentes de outras línguas. A partir dos trabalhos já existentes, como o de Burzio (1986), Nascimento (2002) e Coelho (2004), entre outros, pode-se averiguar o estatuto específico de chegar, que parece fugir a comportamentos que outros verbos admitem (v., a esse respeito, Nascimento, 2002). É possível que, por essa via, se verifiquem outras propriedades comuns a esse grupo de verbos, e características específicas de *chegar*.

Terceiro, o verbo continua construindo sentidos. *Vou chegando*, em alguns lugares, tem o sentido de ‘vou saindo’. *Fulano é do tipo que chega muito* pode significar que ele sabe (ou não) começar conversa com as moças. *Ele é muito chegado aos sobrinhos* significa ‘ele é muito próximo, gosta dos sobrinhos’. Sem falar no uso como adjetivo, que foge ao escopo deste trabalho: *Ela estava usando um vestido muito cheguei*. Isto

⁷⁶ Esta noção corresponde ao que Menezes (2005), fazendo referência a outros autores, chama de verbos de *achievement*, ou verbos cuja ação ocorre num único momento.

é, o verbo é muito produtivo. E isso significa que seus usos semânticos não exigem novas construções sintáticas. E talvez novos auxiliares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURZIO, Luigi. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COELHO, Izete. A posposição do SN ao verbo em construções monoargumentais: um fenômeno de inacusatividade? *Letras de Hoje*, v. 36, n. 125, set. 2001. Disponível em: <http://sw.upd.ufc.br/abralin/anais_con2nac_tema113/pdf>.
- FAGGION, Carmen Maria. Chegar e pregar, dois diferentes processos de gramaticalização. In: *Anais do SIELP*. Vol. 2, N. 1, p. 1-10. Uberlândia: Edufu, 2012 a. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/736.pdf>>.
- FAGGION, Carmen Maria. Os verbos *vir* e *chegar* nos *Autos da devassa*, 1794. In: *Anais – I Congresso Internacional de Estudos Filológicos*. p. 1-12. Salvador: UFBA, 2012 b. (CD)
- FORTUNATO, Isabella Venceslau. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. *Domínios de Linguagem, Revista Eletrônica de Linguística*. Ano 3, n. 1, 1º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.dominiosdelingagem.org.br>>.
- GODOY, Luisa. Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe – semântica lexical. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2008.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- LUCAS, Fábio et al. *Autos da devassa: prisão dos letrados do Rio de Janeiro – 1794*. Texto estabelecido por José Pereira da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MENEZES, Rosimeire Corrêa de. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Dissertação (de Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *A gramática da frase em português: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs>>.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. In: _____. *Toward a cognitive semantics*, vol. 1. Cambridge: The MIT Press, 2000.

ORIGENS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL: LEVANTAMENTOS DE TERMINOLOGIA NA REVISTA *O PATRIOTA*

Leticia Lemes da Silva
leticialemes.slv@gmail.com

A revista *O Patriota* foi o primeiro jornal oficial a ser escrito no Brasil, sua circulação ocorreu durante dois anos, de 1813 a 1814 tendo sua impressão realizada pela imprensa régia do império. Os seus principais redatores foram Borges de Barros, Garção Stockler, Mariano Pereira da Fonseca (futuro marques de Maricá), José Bernades de Castro, Camilo Martins Lage, Idelfonso da Costa e Abreu, Pedro F. Xavier de Brito, Silva Alvarenga, José Bonifácio (conhecido como o Patriarca da independência), Silvestre Pinheiro Ferreira e José Saturnino (FERREIRA, 2007, p. 43). Estes homens que foram responsáveis pela fundação e circulação da revista *O Patriota* eram importantes figuras no meio político, além de assumirem outras várias funções como literatos, escritores, poetas e alguns ainda exerciam a profissão de médico. Este perfil onde um homem atuava em diversas áreas do conhecimento ao mesmo tempo é uma forte característica deste tempo, isso se torna evidente a partir das análises da fonte (revista *O Patriota*), pois encontramos estes indivíduos escrevendo sobre os mais diversos assuntos como, por exemplo, Manoel Arruda da Camara além de político, intelectual, era médico e escreve um artigo sobre agricultura, algo que não corresponde a nossa lógica atual de ciência. Pois, atualmente quem possui autoridade para abordar questões a respeito de assuntos agrônômicos é um agrônomo e não um médico, no entanto para aqueles homens do início do século XIX a lógica na divisão dos conhecimentos científicos era outra, correspondente a seu tempo, fruto daquela sociedade.

Como salienta Mário C. Newman de Queiroz (2007-2011), para discorrermos de um gênero de divulgação científica se faz necessário que haja um conjunto de circunstâncias simultâneas. E na Europa antes do século XVIII não se mostram possíveis essas circunstâncias necessárias. Uma dessas circunstâncias é um público leigo interessado naquilo que a ciência anda realizando. E no Brasil quando se constrói um cenário que possibilite o surgimento deste gênero textual? É importante salientar que *O Patriota* “foi fundado num contexto de primeiras tentativas da implantação de um jornalismo cultural, que desde o século XVIII era muito fre-

quente na Europa” (FERREIRA, 2007, p. 44). Portanto temos de assinalar que este gênero textual, como todo o material escrito daquela época, estava restrito a um público pequeno e particular da população brasileira, pois os índices de analfabetismo no Brasil imperial variavam entre 75% a 85% da população (FERREIRA, 2007, p. 43), a realidade da educação no Brasil neste período é bem traduzida pelas palavras do historiador José Murilo de Carvalho: “Uma ilha de letrados num mar de analfabetos” (CARVALHO, 2003). Mas, desta forma podemos afirmar que a revista produzia divulgação científica mesmo não havendo um público leigo interessado nas ciências que pudesse ler? No entanto é necessário destacar que esta revista possibilitou uma maior circulação da produção de conhecimento entre essa elite letrada, mas não qualquer tipo de conhecimento, como o jornal era impresso pela imprensa régia todo o seu conteúdo passava pelo exame de uma junta administrativa.

Era uma forma de o Estado manter o controle sobre as leituras de sua elite, pois havia determinadas obras, especialmente as francesas que tratavam da revolução que ocorrerá na França, a queda da monarquia, como obras dos autores Voltaire, Marquis d’Argens e Rousseau, que eram consideradas proibidas, pois se temia qualquer possibilidade de revolução no Brasil (FERREIRA, 2007, p. 48). Talvez este contexto, onde determinados assuntos não podiam ser abordados, como determinadas questões políticas, tenha favorecido uma maior atenção aos assuntos de natureza científica.

A partir de levantamento dos artigos do primeiro mês de edição da revista *O Patriota* de 1813. Foi possível constatar que sete textos de um total de quatorze, são de gênero de divulgação científica. Abaixo segue a tabela que registra essa relação:

<i>Gênero de Divulgação Científica</i>	<i>Outros Gêneros Textuais</i>
Artes: “Memória sobre o emprego do assucar combinado com a pólvora, extrahida do repertorio das artes, manufaturas , e agricultura”, p. 9 a 10	Literatura
Novo methodo para refinar o assucar por Luiz Honore Henry Gemain Constant, premiado a 27 de fevereiro de 1812, p. 10 a 21	Correspondência
Agricultura: Primeiro capítulo: Da antiguidade do uso do algodão, e da vantagem, que tem Portugal, e a Paranyambue, da sua cultura, p. 22 a 34	História
Memória sobre a plantação e fabrico de Urucú, p. 34 Primeira parte: cultura do urucuzeiro, p. 35 a 39 Segunda parte: Colheita e Fabrico de urucu, p. 39 a 49	Política
Hydrographia: Methodo, que se seguio no trabalho	Tratado de Paz (entre S. M e rei

hydrographico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, levantada por Ordem do Serenissimo Senhor Infante Almirante General, em o ano de 1810, p. 49 a 57.	da Suécia e S. M. o rei do Reino unido da Gran Bretanha e Irlanda).
Medicina, p. 58 a 67	Estado político da Europa
Comercio: Mapas de embarcações portuguesas que entraram em Gibraltar no ano de 19811... (dados estatísticos). p. 122 a 125	Obras públicas no Rio de Janeiro no presente mês de janeiro

Nestes textos de gênero de divulgação científica fica assinalada uma peculiaridade, o uso enfático da primeira pessoa, não apenas desinências, mas também com o uso do próprio pronome eu. Essa circunstancia é atípica aos padrões científicos atuais, o qual prevê uma impessoalidade do autor com seu trabalho escrito, tendo apenas algumas exceções como descrição de experimentos, utilizando-se apenas desinências.

Nos trechos abaixo do artigo *Novo methodo para refinar o assucar por Luiz Honore Henry Gemain Constant*[...] fica evidente o uso da primeira pessoa, seja por desinência ou diretamente pelo pronome eu.

Declaro mais, que pelo *meu* methodo se póde branquear ou refinar todos os assucares sem precisão de volta-los ou agita-los, ou metter-lhes hum rolho, como se tem ensinado; mas que neste caso há risco de manchas e irregularidades de cor nos ditos pães de assucar perto da ponta [...].

[...] E mais que *eu* faço uso e applico as caldas, que se empregarão em purificar por coa assucares reaes, ou de superior qualidade, para purificar da mesma sorte assucares communs muito bons, e que as caldas obtidas desta ultima mencionada [...] (ZAIDMAN & RODRIGUES, 1978, p. 20-21).

O uso da primeira pessoa não é exclusividade deste autor, em todos os outros artigos científicos da edição do mês de janeiro da revista o uso da primeira pessoa é decorrente, ou seja, é uma característica não apenas de alguns escritores, mas sim de uma época, um estilo de escrita característico de uma sociedade, a qual valoriza e enfatiza o personagem que escreve, o escritor.

Estes textos científicos apresentam semelhanças com o discurso político, o qual tem como característica enfatizar seu interlocutor. Em relação a tal característica tem de se assinalar que os literatos do império não eram apenas homens das letras, mas também membros da elite política (NEVES, 2003, p. 27-53). Ou seja, as atividades exercidas por estes indivíduos podem ser identificadas, traçadas através da escrita destes.

Mas, além de literatos, políticos, muitos deles também eram médicos, e isso também pode ser identificado pelo vocabulário utilizado por eles ao longo de seus textos. As palavras mais decorrentes são: *Methodo*,

composição, molestias, endêmicas, epidêmicas, causas, doenças, humidade, enfermidades, bofe⁷⁷.

Destas palavras deve-se direcionar maior atenção para *methodo* e *causas*, pois, estas palavras são utilizadas em todos os artigos considerados científicos do número referente ao mês de Janeiro⁷⁸ de 1813, seja ele sobre medicina ou agricultura, elas sempre estão presentes. Pode se dizer que são palavras que se fazem essenciais para que o texto assuma estatuto de científico. A palavra *methodo* em especial aparece com frequência nos títulos, antecipando ao leitor que naquele artigo terá uma forma de ensinar a fazer algo, um método como se essa palavra trouxesse consigo a responsabilidade de legitimar como científico aquele determinado assunto.

A análise dos vocábulos desta revista vem possibilitando uma análise profunda e diferenciada a partir de uma nova perspectiva sobre o gênero de divulgação científica permitindo novos caminhos para vislumbrar deste gênero textual que ainda é tão pouco explorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Tânia Maria. T. B. C. Redatores, livros e leitores em *O Patriota* (2007). In: KURY, Lorelai. *Iluminismo e império no Brasil, O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007, p. 41-66.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. O elenco e o cenário: ideias e indivíduos na circulação da cultura política da independência. In: _____. *Corcundas e constitucionais: A cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2003, p. 27-53.

QUEIROZ, Mário Cezar Newman de. Divulgação científica: Faces e Interfaces de um gênero textual. In: ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, *Cadernos do CNLF*, Vol.

⁷⁷ As palavras estão transcritas da mesma forma que na fonte primária, o jornal *O Patriota*.

⁷⁸ O número referente ao mês de Janeiro de 1813 está sendo utilizado como base das análises neste momento inicial da pesquisa.

XV, nº 5, t. 2, p. 1625-1633. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/134.pdf>.

Z Aidman, D.; Rodrigues, J. H. (Orgs.). *O Patriota 1813-1814: índice histórico*. Niterói: UFF/Ceuff, 1978.